

## “La resistência palestina es mujer y está furiosa”<sup>1</sup>

Bárbara Caramuru Teles - UFSC <sup>2</sup>

Este trabalho faz parte do projeto de tese, em andamento, que tem como tema as formas de palestinidades apresentadas América Latina, mais especificamente das cidades de Santiago, no Chile, e de Florianópolis, Brasil, que se revelam através de noções de pertencimento identitário, das organizações sociais e políticas locais e nas relações entre as sociedades de acolhida e os palestinos. Nesse sentido, proponho analisar dimensões desse encontro e suas implicações nos processos de reconhecimento identitário palestino. Especificamente nesse artigo trabalharei com uma situação etnográfica de Manifestações locais e das mulheres palestinas. “*Israel es un macho violador*”, “*La resistencia palestina es mujer y esta furiosa*”, “*La lucha contra el sionismo es feminista*”, “*Contra la apropiación y colonización de los cuerpos y la tierra*”, frases como estas estavam presentes nos protestos que aconteceram em Santiago, em 8 março de 2019. Novamente, as bandeiras feministas foram levantadas no dia 06 de dezembro de 2019, quando um grupo de feministas palestinas realizou um protesto em frente à embaixada de Israel na cidade de Santiago, entoando o “hino feminista” sobre o grito de ordem “*Israel es un macho violador*”. A performance feminista ficou conhecida nas manifestações por direitos sociais e mudanças governamentais no Chile, no mesmo ano. A letra do hino conhecido popularmente como “*El violador eres tu*” é uma crítica ao patriarcado, violência contra a mulher, feminicídio, a repressão e violência de gênero do Estado, da polícia (pacos e carabineros), juízes e inclusive do presidente (Piñera). Vestidas de preto, usando um *kuffyeh* preto e branco amarrado na cabeça, um grupo de mulheres, de maioria palestina, mas também chilenas adeptas da Causa Palestina, membras da organização política intitulada *Union General de Estudiantes Palestinos*, UGEP, realizaram a performance do hino cantado em árabe. Focando na construção da identidade pela alteridade, neste trabalho problematizarei esta manifestação, bem como algumas formas como as palestinidades se apresentam em diferentes localidades, tomando como ponto de partida as trajetórias dos sujeitos para compreender a produção e operacionalidade dos gradientes de identidades e alteridades que revelam tais categorias.

Palavras-chave: Palestina- Feminismo- América Latina

### Manifestações locais e as mulheres palestinas: “*Israel es un macho violador*”

Os movimentos de palestinos que acionam a *Causa Palestina* a partir da América Latina tem como uma de suas principais pedras de toque a denúncia da ocupação colonial israelense, no plano da cultura, do território, da economia e da

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.”

<sup>2</sup> Doutoranda na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Mestra em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Historiadora pela mesma instituição. Autora da dissertação: “*La tierra palestina es más cara que el oro*”: narrativas palestinas em disputa. Atualmente dedica-se à pesquisa sobre as trajetórias palestinas na América Latina, processos de auto-reconhecimento identitário palestino e a (re)organização política palestina no Brasil e Chile.

política. Seu objetivo é consolidar-se como uma potência frente ao colonialismo sionista na Palestina a partir de alianças políticas com movimentos sociais, organizações do terceiro setor, mídia e suas agendas políticas locais. Compartilho, neste ensaio, da preocupação epistemológica dos estudos pós-coloniais e decoloniais no reconhecimento da diferença entre a colonização da América Latina e da Palestina<sup>3</sup>, e, conseqüentemente, na formação de suas agendas políticas.

No Chile, esses movimentos, se articulam como anticoloniais, mas com notáveis diferenças internas. Por meio de etnografia realizada em Santiago, 2015/2016 e 2020, com a comunidade palestina do Chile, destacam-se movimentos políticos que se aproximam de uma postura anticolonialismo, entre eles, um protesto de jovens mulheres palestinas na embaixada israelense. Ainda que, parte da comunidade palestina chilena reitere certa lógica orientalista, afirmando a consolidação desta comunidade como grupo economicamente próspero e “civilizado” em relação a outras comunidades árabes, narrativas decoloniais também se encontram presentes.

Analisando de perto as alianças das mulheres palestinas em Santiago do Chile, observamos a aproximação deste grupo com pautas das mulheres mapuches apoiando a intenção de romper com a colonialidade e estruturas de opressão locais. Ainda que se pretendem plurais, os conceitos de “mulher”, ou ainda, “mulheres” seguidas de seus respectivos lugares de pertença, “mapuche” ou “palestinas”, juntas sob uma categoria ainda mais ampla “latino-americanas” não dá conta de descrever sua totalidade, embora saliento que tais categorias são acionadas pelos grupos feministas em questão. Ainda que, para efeito político, se autodenominem dessa forma, trabalham com a noção interseccional de “dupla opressão”<sup>4</sup>. Essa noção descreve uma opressão que se desdobra em outras vias de opressão, ou seja, é cruzada também por noções de classe, e, neste caso, etnia e nacionalidade.

De forma similar ao intercruzamento de vias de opressão proposto por Crenshaw (1989), que articula raça, gênero e classe, a *dupla opressão*, refere-se à dúplice estrutura de opressão em que mulheres palestinas estão inseridas, segundo uma das interlocutoras, a organizadora do protesto analisado a seguir, estas mulheres estariam submetidas tanto

---

<sup>3</sup> Entendendo que o modelo de colonização da Palestina embora tenha sofrido mudanças significativas após o fim do período mandatário britânico, em virtude da ocupação sionista segue sob dominação militar, domínio e exploração israelense, que pretende instalar-se, mas não de forma a submeter e dominar, como no modelo clássico europeu, franco-britânico, de dominação direta ou indireta, mas por outro lado pretende expropriar e expulsar palestinos, promovendo uma “limpeza étnica” (PAPPÉ, 2006)

<sup>4</sup> *Doble opresión*, termo colocado por uma das interlocutoras em referência a opressões impostas as mulheres palestinas no Chile.

à opressão da *sociedade patriarcal* (estrutura machista predominante na sociedade) quanto ao regime colonialista israelense na Palestina.<sup>5</sup>

Desta forma, compartilhando de noções da “colonialidade do poder” expressa na teoria decolonial de Anibal Quijano (2005), objetivo discutir estas manifestações locais e a ocupação do espaço público por essas mulheres palestinas.

O foco deste ensaio serão as integrantes e colaboradoras da organização União de Estudantes Palestinos (UGEP). Os slogans, “*A resistência palestina é mulher e está furiosa*”, “*A luta contra o sionismo é feminista*”, “*Contra a apropriação e colonização dos corpos e da terra*”, estavam presentes nos protestos que aconteceram em Santiago, em 8 de março de 2019. As mesmas bandeiras foram levantadas no dia 6 de dezembro, quando um grupo de feministas palestinas realizou um protesto em frente à embaixada de Israel na cidade de Santiago, entoando o *hino feminista*<sup>6</sup> sob o grito de ordem “*Israel és um macho violador*”. A performance feminista ficou conhecida nas manifestações por direitos sociais e mudanças governamentais no Chile, no mesmo ano.

O “*hino*”, como o intitulam, foi criado por um coletivo feminista chamado “*Las Tesis*”, segundo vídeo “*Quem são Las Tesis*”, o coletivo feminista por trás de “*El violador eres tu?*” publicado e produzido no Youtube pela mídia Diário do Comércio:

Criado há um ano e meio, o coletivo tem o objetivo de traduzir ‘teses de autoras feministas a um formato performático’ para chegar a todas as audiências. A música se baseia nos textos de Rita Segato, antropóloga feminista. O dia chave foi 25 de novembro [2019] “Dia Internacional da eliminação da violência contra as mulheres, onde cantaram na Plaza de Armas de Santiago e no Ministério da Mulher e em outros pontos da capital chilena. A partir da acolhida da manifestação, as organizadoras lançaram uma convocatória no Instagram para que mais mulheres interpretassem “el estribillo” em outros países. A chamada resultou um êxito. (tradução livre, in: *elcomercio.pe*, 2019<sup>7</sup>)

O *hino* cantado na Plaza de Armas, no centro da capital do país, foi criado por um coletivo fundado por três mulheres feministas de Valparaíso, cidade próxima a

<sup>5</sup> Embora não seja o objeto central dessa análise, há uma compreensão de que essa *dupla opressão* se desdobra em outras vias de opressão, ou seja, é cruzada, neste caso, também por noções de classe, etnia e nacionalidade.

<sup>6</sup> *El patriarcado es un juez/Que nos juzga por nacer/Y nuestro castigo//Es la violencia que no ves/Es femicidio/Impunidad para mi asesino/Es la desaparición/Es la violación/Y la culpa no era mía, ni dónde estaba, ni cómo vestía/El violador eras tú/Son los pacos/Los jueces/El estado/El Presidente/El estado opresor es un macho violador/El violador eras tú/Duerme tranquila, niña inocente/Sin preocuparte del bandoleiro/Que por tus sueños, dulce y sonriente/Vela tu amante carabinero/El violador eres tú*

<sup>7</sup> Disponível em: <https://youtu.be/ZLKNWIrj8Lw> Acesso: 02 de Fev. 2019

Santiago. A performance baseada na obra de Rita Segato ultrapassou os protestos de Santiago e Valparaíso e, até o momento, já foi realizada nos seguintes países: México, Peru, Bolívia, França, Estados Unidos da América, Austrália, Espanha e Colômbia.

A letra do *hino* conhecido popularmente como “*El violador eres tu*” é uma crítica ao *patriarcado*, um sistema social baseado no poder masculino, em que vicejam a violência contra a mulher, feminicídio, repressão e violência de gênero do Estado, da polícia<sup>8</sup>, juízes e inclusive do presidente (Sebastian Piñera). Vejamos:

“*A culpa não era minha, nem onde estava, nem o que vestia, o violador é tu/você*”<sup>9</sup> essa frase ficou conhecida nas diversas manifestações feministas das mulheres no Chile. Estampada pela cidade, pichada, impressa, a expressão se tornou um dos símbolos dos movimentos de mulheres atuante nos protestos chilenos. Da mesma forma, a afirmação “*O Estado opressor é um macho violador*” ganhou ressignificação no protesto das mulheres palestinas em frente a embaixada de Israel em Santiago: “*Israel é um macho violador*<sup>10</sup>” foi uma adaptação do *hino* de “*Las tesis*”.

Vestidas de preto, usando uma *kuffiyah* preta e branca amarrado na cabeça, um grupo de mulheres, de maioria palestina, mas também chilenas adeptas da causa palestina, membras da organização política intitulada *Union General de Estudiantes Palestinos* (UGEP), realizaram a performance do *hino* cantado em árabe.

A organização do evento foi realizada por uma das palestinas, atuante na UGEP, tendo sido inclusive esta a primeira presidenta mulher da organização. Em contato com o coletivo *Las Tesis* foi feita a proposta de realizar o protesto, cantando o *hino* em árabe. A adesão foi de aproximadamente 30 mulheres palestinas, embora o ato tenha sido uma convocação aberta à feministas militantes apoiadoras da causa palestina, havendo, portanto, mulheres palestinas e chilenas no ato. O grupo não é organizado de forma institucional na qualidade de um coletivo feminista de mulheres palestinas. O que as reúne é o fato de todas terem sido ou serem atualmente membras da UGEP e atuarem pautando o feminismo como corrente de pensamento e prática política.

O protesto na embaixada tomava como central a afirmação “*Israel é um macho violador e opressor*”, pois viola os direitos básicos dos seres humanos e das mulheres.

---

<sup>8</sup> *Pacos y carabineiros*

<sup>9</sup> As traduções do espanhol para o português foram realizadas pela autora de forma a contemplar leitores de língua portuguesa.

<sup>10</sup> A tradução mais exata para o português seria “Israel é um macho estuprador”, mas também usa-se “violador”, devido ao uso jurídico do termo, no sentido que viola os direitos humanos dos palestinos e palestinas.

Nesse sentido, a opressão da mulher palestina não é somente de classe e etnia, mas também uma opressão de gênero. Inclusive, a organizadora salienta que a causa abrange não só as mulheres palestinas, mas também a luta pelos direitos das mulheres mapuches, população indígena do Chile.<sup>11</sup>

Muitas palestinas estão inseridas nas manifestações locais, no caso específico das manifestações contra o governo do atual presidente Sebastian Piñera. Segundo elas mesmas, não existe reivindicação exclusivamente palestina nas manifestações contra o governo, desta forma, estão participando dos protestos pelas demandas sociais locais do Chile, tendo em vista seu reconhecimento como palestinas-chilenas<sup>12</sup>. Há aliança entre a militância pró-palestina e a mapuche por meio da questão de gênero, e, ainda, através da aproximação dos conflitos por território no Chile e na Palestina. Há também a acusação de estreita relação entre o governo chileno e o israelense através da compra de armas (bombas de gás lacrimogêneo) israelenses pelas Forças Nacionais chilenas.

A organização nomeada Comunidade Palestina e suas instituições afiliadas não participam oficialmente dos protestos contra o governo chileno, sendo tal participação restrita a alguns grupos. Em relação ao protesto na embaixada, o apoio oficial da comunidade, veio na forma de uma nota da Federação Palestina do Chile em sua página virtual em apoio ao protesto realizado pelas palestinas. A nota trata da denúncia da ameaça à saúde psíquica e integridade das mulheres palestinas vivendo sob a ocupação, de forma a endossar uma crítica à opressão colonial israelense nos territórios ocupados.

Segundo a organizadora do ato, embora a Comunidade Palestina, como instituição<sup>13</sup>, não tenha participado da organização do ato, sendo este promovido por mulheres palestinas militantes da UGEP, o apoio foi endossado posteriormente e também nos veículos de comunicação da Federação Palestina, inclusive após a embaixada de Israel publicar uma carta em resposta em que afirmou que “Os direitos humanos das

---

<sup>11</sup> Embora o protesto tenha sido realizado por um grupo de mulheres palestinas que se reconhecem como feministas, com tendências de esquerda, em geral o protesto teve apoio de outras instâncias jovens da comunidade, inclusive de jovens (homens) membros de organizações palestinas de direita. O grupo em geral é composto por mulheres palestinas, de terceira geração, nascidas no Chile, de família ortodoxa. Ao passo que não houve participação, ao menos identificada, de palestinas muçulmanas. Em entrevista com um dos interlocutores refugiados acerca da participação destes nos protestos, em geral ele afirma que o desconhecimento dos problemas no Chile, dificuldade com o domínio da língua espanhola e também o fato de serem estrangeiros é um fator que os deixou à margem da situação política do Chile.

<sup>12</sup> Há um processo complexo quanto a autoafirmação identitária dos palestinos no Chile, objeto da dissertação “*La tierra palestina és más cara que el oro*: narrativas palestinas em disputa”. (CARAMURU TELES, B. 2017)

<sup>13</sup> A Comunidade Palestina é hoje o nome da instituição que reúne várias organizações palestinas no Chile.

mulheres palestinas são diariamente violados não por Israel, mas por suas próprias autoridades, seja do Hamas em Gaza ou da Autoridade Palestina na Cisjordânia.”<sup>14</sup> Segundo ela, *os israelenses afirmam que a mulher palestina infelizmente estava submetida ao Islã.*

Para ela, primeiramente, o fundamentalismo religioso não existe na Palestina, e em segundo lugar, isso mostra desconhecimento da realidade dos palestinos no Chile e uma perspectiva orientalista que pressupõe palestinos sempre como muçulmanos e os muçulmanos como bárbaros. No Chile, a comunidade palestina é majoritariamente de cristãos ortodoxos, um dos elementos de grande visibilidade e especificidade desta comunidade, tendo em vista ainda o contingente de palestinos imigrantes no país.

No que tange aos estereótipos reificados por essa lógica de pensamento, uma das interlocutoras publicou em sua conta pessoal em rede social a seguinte nota:

Nesse oito de março, quis manifestar-me com minhas “tetas”. Todo ocidente se sente com a propriedade de falar de um oriente atrasado, misógino e machista. Eu quero contar que existem muitas mulheres árabes que não são submissas, nem reprimidas. Que em muitos casos o uso do véu é sua própria opção. Que em muitos casos [*se revelam*<sup>15</sup>] a utilizá-lo e se desenvolvem sem ele. Que a mulher palestina luta contra uma dupla opressão, a do patriarcado e a israelense. E te asseguro que somos muitas as que colocamos nosso *kuffiye* de resistência levando com orgulho tetas ao ar para protestar. Assim, que si tanto te escandaliza que haja feito isso e não quando subo fotos de biquíni e se me vem as tetas "ricas", te convido a deixar de seguir-me (Abril de 2019).

No trecho citado, ela problematiza como na Jordânia, país árabe, embora andasse mais *recatada para vestir-se*, sentia-se mais segura e afirma que, diferentemente da lógica de pensamento predominante, o machismo em países árabes não era diferente do Chile<sup>16</sup>. Por fim, ela critica o orientalismo ocidental: *Todo ocidente se sente com propriedade de falar em um oriente atrasado, misógino e machista.* E afirma que *existem muitas mulheres árabes que não são nem submissas nem oprimidas.* Ao finalizar o texto evoca o *kuffiye*,

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.federacionpalestina.cl/embajada-de-israel-critico-uso-de-performance-de-lastesis/> Acesso: 02 de Fev. 2020

<sup>15</sup> Aqui neste trecho a interpretação do argumento nos possibilitaria traduzi-lo para rebelam, de rebelar-se. Todavia devido a inconclusão do termo foi mantido no original de forma a não prejudicar a tradução com suposições da autora desta análise.

<sup>16</sup> Esta análise aparece de forma mais ampla e com maiores problematizações acerca da crítica ao patriarcado tanto na sociedade chilena, como também no interior das famílias palestino-chilenas, como um dos temas trabalhado na tese de doutorado, em andamento, no programa de pós-graduação em Antropologia da UFSC, por Bárbara Caramuru Teles autora deste artigo. Previsão de publicação em novembro de 2022.

lenço símbolo da causa palestina, iconizado mediante seu uso por Yasser Arafat<sup>17</sup>, como símbolo da resistência dessas mulheres.

Os exemplos citados permitem problematizar como a colonialidade na América Latina potencializa, no que tange às mulheres palestinas, essa *dupla opressão*: a primeira como mulheres inseridas na *sociedade patriarcal*, a segunda como árabes palestinas em uma sociedade reprodutora da lógica orientalista que as enxerga através do filtro da colonialidade, como mulheres submissas, reprimidas, exóticas e ao mesmo tempo reprimidas na sexualidade, etc. Um dos principais exemplos desse orientalismo (SAID, 1978) citado por elas a partir de suas experiências é a concepção predominante socialmente de que todos os palestinos e palestinas são muçulmanos.

Essa é uma demonstração significativa do desconhecimento das pessoas sobre a comunidade, reconhecida internacionalmente por ser a maior comunidade de palestinos cristãos da América Latina. Há de se considerar, ainda, no que se refere a palestinas muçulmanas, uma potencial relação conflituosa entre Islã e o modelo imposto pela colonialidade. O desconhecimento acerca dessas pessoas produz generalizações e reifica esses modelos pré-concebidos.

No Chile, bem como em outros países latinos, estabeleceu-se um “modelo americano” de homem, a partir da noção colonial. Segundo Mignolo, foi construída uma imagem do “homem, heterossexual, branco, cristão, militar, capitalista, europeu” responsável pela reprodução de “padrões globais já existentes” (MIGNOLO, 2003, p. 57). Nesse sentido, a mulher árabe palestina, e quando muçulmana, figura por vezes nessa lógica de pensamento como inversamente oposta a este modelo hegemônico.

É interessante perceber a articulação entre os movimentos de cunho feminista de mulheres palestinas, organizadas pela UGEP junto a outras organizações locais, sejam estas de mulheres mapuches, ou de mulheres chilenas, articuladas em torno da *luta* feminista, pelos direitos das mulheres, tanto em Chile quanto na Palestina. Ao passo que, no que tange os pertencimentos identitários, estas mulheres transitam entre chilenidades e palestinidades, encontrando pontos de convergência e divergência, atuando diversas em frentes, seja a liberdade da mulher palestina frente ao *regime colonialista israelense*, seja contra o liberalismo e as implicações deste sistema econômico para as mulheres, seja frente ao *patriarcado* vigente em Palestina e Chile.

---

<sup>17</sup> Yasser Arafat foi um dos principais líderes da Autoridade Palestina e presidente da Organização para Libertação da Palestina, OLP. Faleceu em 2004

### Referência Bibliográfica

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

CARAMURU TELES, B. “La tierra Palestina és mas cara que el oro: narrativas palestinas em disputa. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia-PPGA, UFPR, Curitiba, 2017.

CRENSHAW, K. 1989 Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *HeinOnline* 1989. University of Chicago Legal Forum. p. 139-167.

LUGHOD, L. 2012. “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre relativismo cultural e seus Outros.”. *Estudos feministas*. 20(2):451-469.

MAHMOOD, S. 2001. “Feminist Theory, embodiment and the docile agent: some reflections on the Egyptian Islamic revival”. *Cultural anthropologist*. 16(2): 202-236. [versão traduzida: “Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: Algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito”. *Etnográfica*. X(1): 121-158]

MIGNOLO, W. 2003 *Historias locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal.

PAPPÉ, I. [2006] 2016 *Limpeza étnica da Palestina*. Trad. Luiz Gustavo Soares. São Paulo: Sundermann.

QUIJANO, A. 1992. Colonialidad y modernidad/racionalidade *Revista Perú Indígena* 13(29): 11-20

\_\_\_\_\_.(2005). Colonialidad y modernidad-racionalidad. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/36091067/Anibal-Quijano-Colonialidade-e-Modernidade-Racionalidade>>. Acessado em: 31 de Mai 2020

SAID, Edward [1978] 2007. *O Orientalismo O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. [1993] 2011. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. 1997 *Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World*. New York:Vintage Books.